

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO

Instituto de Artes

Artes Visuais

Matheus Passareli

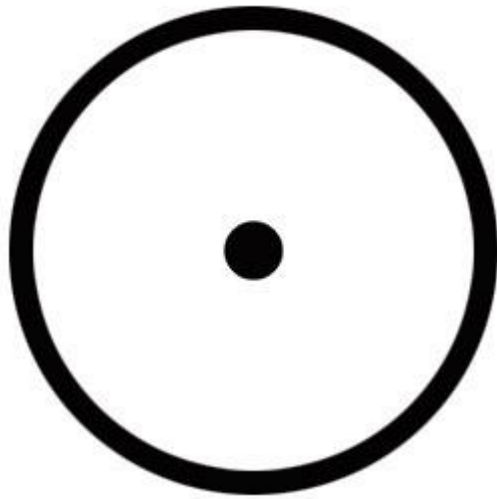
Trabalho de Vida

Professora: Sheila Cabo

Disciplina: História da Arte do Brasil II

Rio de Janeiro

2018





"O Jantar", Debret

\* eres

Menino ou Menina? Só corpo. Isto é um corpo? Um gênero.  
A fisiologia de um corpo social. Um corpo é constituído de múltiplas funções, elas, mecânicas, físicas e bioquímicas. Quem dera orgânicas.  
Um ser corpo, é um ser respirante. Aspira-se conjuntamente os corpos animais e vegetais. Corpus. Transpira-se ao movimento. Fluidez.  
O corpo que não respira permanece corpo?

A morte como ausência de respiração. O corpo que não respira permanece abjeto. Objeto direto ou indireto é coisa mental ou física. É coisa. Coisa: material que pode ser percebido pelos sentidos. "O corpo como aquilo que já não aguenta mais".

Gênero, classificação, como imposição de sentidos. Setas. O direcionamento dos sentidos pautado através de normas que se aplicam ao corpo. Cosmética e esteticamente. Adornos. Materiais imateriais que podem ser usufruídos pelos sentidos imaginários. Alteridade, natureza ou condição do que é distinto. Outro.

No cotidiano, a prática de relações entre os corpos partem de direcionamentos que constituem a construção de sentidos. Linguagem. Aplicada aos sentidos, medeia. Ao mesmo tempo que institui, educa.

O acesso às linguagens corporais, vivenciais, institucionais, intersecciona as relações instituídas. O corpo em relação com a instituição rua, por exemplo, precisa manter-se em ordem. Em caso de desordem, polícia. O contexto nesse caso é marcado pela segurança histórica instituída, que com o decorrer do tempo, se atualiza e se faz outras conforme novas relações vão tomando corpo, corpo que com o tempo, tornar-se obsoleto.

O corpo pensado em seu contexto espacial institui relações de questionamento que estão ligadas à convivência, no caso da história da arte tradicional, representado pela perspectiva dentro do quadro, permite objetificar, e através dos objetos explicar os seus sentidos, seja de forma formalista tradicional ou sentimentalista contemporâneo. O quadro, expõe à perspectiva a realidade representada, o referente. O corpo tornado objeto enquadrado. O afeto e as relações com os objetos, constitui hoje as histórias do que podemos chamar de "história natural do homem". Os registros criados pelos seres, são carregados de sentidos, que quando deslocados podem ou não fazer coesão ao espaço que o interpela. O meu corpo destituído por um deslocamento entre municípios, cria novas normas de vida reexistência\* ao caminhar e conhecer o horizonte atravessado pela cidade. Como afastar-se completamente de sua propriedade. Outras convivências e noções territoriais. Questões de mobilidade, atravessamentos, deslocamentos e enfrentamentos cotidianos. O corpo questionamento por precisar localizar de onde esse corpo-outro fala. Identificar os ouvintes do espaço é identificar os diâmetros de conhecimento pautado em cada região predominantemente habitada, ou somente, atravessada (explorada). Identificar os ouvintes para ouvir o que a Terra fala, ouvir o "regionalismo".

A psiquiatria pauta a nossa convivência por atitudes, atitudes que normatizam as relações a partir do momento em que se entende que as possibilidades de atuar são dicotômicas. Fazer o bem ou fazer o mal. Se faz bem ou faz mal é preciso saber quem faz. Ao generalizar o corpo enquanto corpo de atitude, nos afastamos do corpo instituinte que essa norma impõe. Nosso corpo se orienta através dos múltiplos sentidos que constituem as três faces de si. Frente, lado e costas ou corpo, alma e mente.

Pensar os objetos e incluir neles o nosso corpo, é perceber que todos os corpos constituem nossa territorialidade. Todos se localizam na Terra e por isso são atravessados por memórias. Todo corpo em deslocamento tem trajetória. Número de lote, série, cicatrizes, cores, texturas, formas, da classificação à sujeição. Todos nomeados ou localizados, constitui a consciência de quem institui. Sujeita. Todo objeto é referente. Todo corpo é referência.

A casa, quando existe, é constituída pela união de diversas materialidades, dela, a mais importante, seu contexto. CEP, número ou complemento, referências de vidas, que pela locomoção do cotidiano é deslocada para o esquecimento.

Enquanto ser, o território é referência. Distantes ou aproximados da linha do horizonte, o nosso corpo a percebe não mais através dos prédios e sim através de seus quadros. De onde você veio? Está ligada a sua recente trajetória até aqui ou à todo o repertório histórico que constitui a sua existência? De um mesmo horizonte viemos e deles somente alguns podem se distanciar. Olhar a Terra de cima. Perceber o céu se transformando ao mesmo tempo em aproximação e por isso um constante distanciamento. Distanciamento capaz de elucidar a circularidade de um plano. Antes só era possível pensar em diâmetro pela capacidade de percepção e rotação do corpo livre de bases, corpo fluido em Terra plana, corpo que gira a cada micromovimentação circular do planeta. Estamos girando o tempo todo e até mesmo disso nos esquecemos. Essa talvez seja a resposta de porque vivemos tontas. Deslocadas de nossas ancestralidades, desconectadas de nossa consciência maior - a relação mãe terra.

Terra não matéria por sua aproximação com nossos pés. Desvalorizamos o que está aos nossos pés e colocamos junto a eles o que desprezamos. Hierarquias de corpos objetos. A desvalorização da pausa e manutenção do deslocamento involuntário advindo de um trabalho que se mantém explorado por décadas. Trabalho é movimento, mas as plantas só se movimentam após longo tempo de trabalho, crescimento vegetativo, suas folhas crescentes durante toda a sua trajetória de vida em ponto fixo, raiz, possibilitam fluxos contínuos e trocas energéticas de dimensões inimagináveis, a valorização de uma raiz enquanto principal fonte nutricional de um corpo, do corpo. Não percebemos também o ar, por sua translucidez, talvez estejamos cansadas de viver com ele, mas sem ele ninguém fica, respira. Respira e olha pra lua, nossa maior pira. Em relação cúbica, nosso corpo e ela entram em contato com o sol e mais um vez respira. A luz, nossa maior refletora. Reflete a nutrição do nosso corpo ao sol. E de olhos abertos ou fechados, olhamos. Olhar é cuidar, precisamos olhar para a forma que nos tornamos videntes. Olhando para tudo menos o círculo preto, pupila. O círculo foi perdido desde o distanciamento? O corpo raio onda vai além da estratosfera. Camada por camada, acesso.

A família, mediadora do território/casa nos nutre do que lhes é tradicional, de região por região constituímos diferenças.

Nasci bixa, nem menino, nem menina. Mas nasci. Cresci. Identifiquei em mim vontades que a minha casa não cabia. Vontades que a escola poderia oferecer, escola que nunca termina, universifica, oferece trabalho. A relação territorial está sempre instituída. Em seus municípios prefeituras, em seus Estados, centros. Corpo estranho em deslocamento em busca de estranhamentos contínuos de territórios e culturas. A existência do centro impõe a existência da margem. A existência do centro impõe quadros, normas, leis, organizações e classificações monolíticas ao corpo, movimento centrípeto. Corpo monolito é corpo estranho, ignorante do que não lhe pertence, pode permanecer inexistente. Corpo árvore tem consciência dos nutrientes que a nutrem. Da gota da chuva ao respingar do sol.

A imposição de uma binariedade, constituída por centro e periferia cria ramificações e institui a criação de redes de sobrevivência. Quando o estado não olha para nós, olhamos nós mesmo. Quando o estado não fornece, a terra oferece. Germinou, cresceu.

A sementinha que a mim constitui algo de estranha tinha, viadinho, boiola, maricon, bixa, estranha pela falta de escuta de que no nosso corpo existe e não só resiste ou foge. Masculinidade forçada nunca me desceu a garganta. Nem saia, desde criança vomitar sempre foi o meu maior medo, junto com escrever ou ficar sem camisa. Lutar quando precisa lutar, consciência, luta diária. Mas será que todos para existirem precisam viver em guerra contra ninguém? Aquém? Tudo bem não falar do que a ti não pertence, mas eu achava que eu pertencia. Estranho é que ninguém nos defende, só aponta e atira. Quando me afirmo bixa, afirmo desde então a consciência de uma subjetividade sendo florida. Ir além do menino ou menina, ir além do corpo enquanto não somente gênero ou cor e forma.

O que nos formamos, ou seja, nossa forma, está ligada ao processo de nosso crescimento em meio ambiente. Qual a fisiologia do ambiente em que se vive? Taxonomia alguma explica as vivências do meu corpo. Corpo livro. Conteúdo infinito. A partir do momento em que me identifico enquanto pessoa negra, processo de autonomia e consciência de si, consequência da floração dos meus cachos, em resposta à interrupção de um processo de poda compulsória que vivia em meu corpo/território, matéria/trajetória que jogada ao lixo se perde no tempo. O meu tempo agora é outro. O meu corpo também.

Precisei buscar acesso ao meu próprio corpo, acessar minha linguagem enquanto eu mesma e não mais como reflexo do outro. Sentir o meu corpo respondendo a estímulos nunca antes testados. Estímulos que dessa vez não mais passam pelo achismo ou gosto do outro. Perceber a minha pele e não mais questiona-la enquanto padrão binário higienizante. Meu cabelo grande em nada tem a ver com a minha higiene pessoal. Minha cor de pele em tudo tem a ver com minha raça. Olhar para mim sem mais máscaras brancas, outros reflexos possíveis. Espelho.

A destruição da senzala precisa acontecer. Os armários estão sendo quebrados, e em alguns casos até mesmo as casas vem a ruir. Rua. Gratidão aos meus ancestrais que apesar de todo desconhecimento sobre os nossos corpos, nunca nos colocaram para fora.

Ser bixa e ter uma irmã bixa. Um processo de auto cuidado compartilhado e tomada de consciência individual. Gabriel, um ano e oito meses de diferença. Maior referência, a bixa resiste desde quando me entendo por gente. Construímos juntas uma relação de confiança e conhecimento compartilhado. Nossa convivência se iniciou após o meu nascimento, é interrompida pela primeira vez quando Gabriel se desloca para o centro em busca da graduação em uma universidade pública. Crise. O filho que precisa abandonar a casa para cursar uma universidade. Os filhos que precisam abandonar a casa para cursar a universidade. Se ser bixa não me colocou pra fora, estudar colocou. Rio Bonito me nutriu enquanto podia nutrir, oito anos de curso de inglês, porque se nada desse certo eu viraria professor. Três matrículas em diferentes escolas e mais nada. Me falaram que na Universidade eu poderia acessar o mundo, conseguir emprego e viver feliz para sempre. Contos de fadas, eu sempre queria ser fadinha mas nunca deixavam, falavam que ser bambi também não poderia, então o que me sobraria era o azul. Eu sempre gostei de azul. Ainda gosto.

O momento em que Gabriel é inserido na universidade é completamente sentido e proporcionador de mudanças dentro de minha casa. A todo final de semana eu podia ouvir um pouco do que seria ter acesso às infraestruturas públicas da capital e imaginar o meu corpo outro. Outro território, outras narrativas, outras vidas. Nosso corpo em movimento vai de encontro a outras possibilidades.

Perceber uma nova rede de relações e possibilidades de existência. Vivenciar a cidade e ter autonomia sobre minha própria trajetória, ter consciência de cada ponto que constitui essa linha que é nossa existência. Questionar os pontos que nos constituem. Sujeitar-se.

Pela primeira vez morar na cidade com Gabriel. Abandonamos nossas dependências após descaso. Existiríamos agora finalmente juntas na cidade, no nosso quarto. Não ser mais uma criança. Não poder ser mais menino ou menina. Sobre entender que há sim a possibilidade de viver em corpo fluxo sanguíneo e nada mais. Sem gêneros, sem classificações, sem obrigações reprodutoras. Só ser. Não ser mais censuradas ao nosso próprio corpo. Sistema binarizante, pautador de normas e impositor de linguagens. Linguagens antigas, reprodutoras de padrões, quadros reforçadores de que os nossos corpos à essa tradição não pertence, somente em posição sim de subalternidade, escravizadas por uma macho centrismo falocêntrico, que nos coloca sempre ao favor dos seus corpos, musculosos, auto centrados, independentes, insensíveis criadores de planos, quadros e superfícies que mantêm a todos dias em suas telas que o meu corpo não fala, se fala, fala demais, gesticula demais, espalhafatosa, bixa, engraçada, louca, depravada, suja, mal criada.

Sobre perceber que a estranheza está ligada ao fato de sermos diferentes e que cada corpo constitui uma trajetória ancestral. Ser natureza. Compromisso conjunto de respeito.

Através da natureza criamos o artifício, ligado ao fazer, faz parte da atividade humana. Se já sabemos que da arte o último que importa é o belo, o que de fato importa então? O encontro. Ao sujeitar o objeto cria-se relação com ele, e logo se constitui memória, processo imaginário de significação. Nomear, classificar, datar, organizar, recursos utilizados para significação. A significação impõe valores. Coexistência de valores. O que o meu corpo significa ao corpo que me agride? A natureza que justifica e mantém um mercado que a consome mais e mais, e conforme as árvores somem suas raízes são desperdiçadas e todo processo de respiração, nutrição e crescimento é ignorado, negligenciado. Nossa ancestralidade é jogada fora toda vez que o pai fala "passa máquina, pode deixar bem baixinho", no lixo não somos ninguém. Corte militar sempre me agradava mais, eu podia raspar tudo nas laterais porque a graça era deixar um pouquinho em cima. Hoje nada de militares.

Mercado do homem branco, dono e proprietário da Terra. Reintegração de posse. Reparação histórica. Devolvam o universo que é meu. A universidade é sua, pode ficar com ela e todo seu concreto. Mas eu sinto muito pois jamais, jamais me impeça de respirar outra vez. A sua poda me fez crescer mais forte, eu sinto muito por tanta dor e morte. Sinto muito porque a culpa é sua. Não minha, cristã, perdão à quem me mata? Jamais. Desculpa nunca mais, meu corpo não tem culpa de ser colonizado, mas você insiste em cobrar desculpa, perdão, mas eu sinto muito, o estrago já foi feito e continua sendo.

Enquanto isso nosso corpo resistência cresce, aprende a falar a sua língua — já a estamos até subvertendo, e aprende a perceber todos os movimentos que colocam a vida, as nossas, em risco.

Aprendemos que com você podemos caminhar, trocar, mas vocês nunca vão nos permitir a fala sem antes se apresentar. A apresentação de vocês foi banalizada, porque o senhor feudal ainda existe. Significado da palavra "banal". Porque os nossos corpos ainda existem em serventia aos seus. Porque até a terra você mesmo nomeou sua.

A natureza vive de estranhar o desconhecido. Ser sensível à presença do outro. Que o meu corpo não seja questionado por seu racionalismo que você mal sabe de onde vem. E se sabe é com orgulho. Então me dá licença, deixa eu ter orgulho do meu. O meu não tem nada a ver com o seu. O seu ele só existe pra você e o mesmo pra mim. Mas há algo entre o meu e o seu que precisa conviver. Consciência, coexistência. Respeito.

Terra a/à vista!!!!!!!!!!!!!!

Descobri um racismo que inconsciente de sua própria força faz milhares acreditarem em uma ativa força que nos une e que não vê cor nem raça branca.



Meu corpo se percebe em mudança desde o dia quando me reconheci diferente, me falavam o tempo todo o que eu não deveria ser, era como se existisse uma tabela de machismo onde ser bixa era o fim do jogo e por isso me testavam em toda prova. Todo dia uma nova prova, dia após dia: não ser menino o suficiente, não ser bicho o suficiente porque tenho certeza que se o fosse, não seria tão agressivo o seu afeto, carinho não precisa, ele vai aprender na força. O seu gesto de expressão reprimia toda minha fluidez, sua opressão corrompia minha subjetividade. Eu podia fazer toda força do mundo, podia tentar, até os 12 anos tentei, ficava conversando comigo mesmo tentando me convencer que o sentimento que eu tinha era apenas o reflexo e vontade de ser tão lindo enquanto os meninos que eu admirava, vi que não havia nada a ser feito, minha admiração eu disfarçava, mas o afeto existia. O que eu sentia era orgânico e eu tinha certeza. Se estava em mim é porque era meu. O meu cabelo podado era eu, mas não era meu. O meu estava o tempo todo no lixo de quem não sabe a importância. Eu entendo não saber, eu obviamente não sabia — mas, as sentia muito.

Fluir entre as possíveis definições para o meu corpo, adjetivar-me de mim mesma. Não lutar contra os estímulos do meu corpo, minha expressividade, meu pertencimento. Ser bixa preta afeminada me fez corpo estranho em uma sociedade que poderia se chamar desigualdade e junto com ela falar da universidade, que por muitos esforços tento formar diversidade. Mas logo entendo, o meu corpo dentro da universidade nada mais é do que o meu corpo na universidade. Para alguns corpos ela não significa nada, para o corpo jogado no chão da sociedade, universidade? Sociedade para quem? De quem?

Através do meu corpo me comprometo a ir contra uma história de poucos leitores. Todas as pessoas infelizmente precisam aprender a ler. Precisei utilizar de todas as oportunidades para provocar o meu mínimo distanciamento em busca de conhecimento. Conhecimento corpo ressignificação, fazendo a mudança dentro de minha própria história, reconhecendo a importância e a historicidade da minha existência. Reconhecendo as minhas vivências como principais agentes de mudança e transformação no meu corpo.

Me instrumentalizo de conhecimentos. Ir além do meu território tinha mais a ver com a minha existência do que com qualquer gênero. Mas o gênero a mim instituído marcava o meu corpo enquanto outro. O outro existia em mim mesmo em forma de medo. O outro existia em mim mesmo quando eu via que dentro das limitações do que me ensinavam a ser, não cabia, sobrava. As sobras também constituem matéria, também são objetos, rastros. O meu cabelo cortado em algum lugar ainda habita, e eu sinto. Sucateados vivem limitados e obedecem somente a poucas ordens. Negando imposições atribuídas ao meu corpo, aprendi de novo o significado e a possibilidade de ressignificação das palavras. Um processo de autoconhecimento e cuidado e consciência contextual que me fizeram acreditar em forças que antes eram usadas contra mim. Forças como o crescimento do meu cabelo fazem parte do cotidiano dos

corpos que nos constituem enquanto identidade nacional. Identidade continental. Nós somos muito grandes mas nossas unhas nunca podem crescer. Só se for menina. Questiono. Quantos continentes existem dentro de você? Em mim todos.

Venho querendo interpelar a todos. Nunca tive a oportunidade de entender antropofagia, porque o processo nunca é compartilhado, pegam a matéria prima e reproduzem seu produto. Fantasias, contos, lendas, mitos, mas só o que importa são os fatos. Direcionam o corpo, uma ordem é constituída por vários pontos, "questões" foram criadas para não falar sobre questionamento, somente subjetivo. Quero saber se tem alguém aí dentro de você que vem até a mim me interpelar. A sensação de vazio ao ter que responder a quem eu não conheço. "Bom dia.", "Boa tarde!", "Boa noite?" são outras formas de aproximação/convivência. Estranhos questionamentos ligados a corpos desligados da Terra e de mim.

O domínio sobre o belo através da academia de belas artes no período da colonização, legitimou padronizações estéticas fundamentadas no processo de exploração e escravidão dos nossos corpos. Esse domínio se fez em cima do nosso silenciamento e da apropriação de povos que por eles eram chamados de primitivos, domínio de Terra e imposição de uma civilização normativa afastada do que seria a realidade da terra roubada. O domínio da academia sobre o artifício nos impediu de aplicá-lo em nossa vida, banalizou o seu uso e o comercializou, tornado-o uma linguagem comum, mas que seus sentidos a nós não pertence. A nossa terra é lida por linhas que a encheram de nosso próprio sangue.

Para estar na academia é preciso conviver com a morte lado a lado, é preciso agir como se estivesse sob o controle de tudo, como se estivesse na trajetória de uma corrida onde a paz e a ordem fossem ser instauradas a partir do momento de finalização de minha graduação. Mas pra isso acontecer é preciso agir de fato. Lidar sim com as realidades instituídas pelo Estado, por seu descaso, sucateamento, e ainda assim agir como se estivesse fazendo tudo da melhor forma, por uma universidade melhor, sociedade melhor, cidade melhor. A convivência com o descaso se tornou naturalizada, assim como a morte de alguns corpos. Burocracia.

matheusa

Matheus Passareli Simões Vieira  
Instituto de Artes, UERJ  
Vila Isabel/Mangureira/Maracanã/Tijuca  
2018